



O dizer-verdadeiro: descrição positiva

The truth-telling: a positive description

Salma Tannus Muchail

Professora titular do Departamento de Filosofia, professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP - Brasil, e-mail: salma@pucsp.br

Resumo

Desenvolvida por Michel Foucault nos três últimos cursos que ministrou no Collège de France, a noção de *parrhesia*, franco falar ou *dizer-verdadeiro*, aparece pela primeira vez no curso de 82, *A hermenêutica do sujeito*. A noção é ali descrita em dois momentos: primeiro, uma “análise negativa” ou “indireta”, pelo confronto da *parrhesia* com seus opostos, que são a lisonja e a retórica; e, depois, análise direta e positiva, apoiada em textos de Filodemo de Gedara, de Galeno e de Sêneca. Faz-se aqui uma reconstituição desse segundo momento de análise, reorganizando-o em tópicos que conduzem à sugestão de algumas reflexões.

Palavras-chave: Verdade e *parrhesia*. Palavras e atos. Filosofia e história da filosofia.

Abstract

Developed for the first time, by Michel Foucault, in the last three courses he taught at Collège de France, the notion of parrhesia, a straight forward saying, or truth-telling, appears for the first time in the 1982 course, The hermeneutic of subject. This notion is there described

in two moments. First of all, in a “negative”, or “indirect analysis”, because of the confrontation of parrhesia with its opponents: flattery and rhetoric. Then, it is described in a direct and positive analysis, based on texts of Philodemus of Gadara, Galenus, and Seneca. In this article, we aim at a reconstitution of this second moment of analysis reorganizing it through some topics that might lead to further reflections.

Keywords: Truth and parrhesia. Words and acts. Philosophy and history of philosophy.

Introdução

*...tudo o que eu vier a dizer-te, penso,
e não me bastando pensá-lo, amo*

(SÊNECA, 2001)

Um “projeto geral”: sob essa denominação um tanto vaga, Foucault abriga toda a sua trajetória. A expressão – também usada no verbete “Foucault” do *Dicionário de filósofos*, de Huisman (2001, p. 388-391) – aparece no início da segunda aula do curso de 1983, *Le gouvernement de soi et des autres* (FOUCAULT, 2008), para designar, com um só nome, os vários assuntos que, ao longo do seu percurso, Foucault elegera investigar. O que faz caber essa diversidade de temas – “a loucura, a criminalidade a sexualidade”, etc. – sob um mesmo ‘projeto geral’ é que cada um e todos eles constituem “núcleos (*foyers*) ou matrizes de experiência” (FOUCAULT, 2008, p. 41). Matrizes *históricas*, acrescentemos, que, apreendidas no passado, funcionam como chaves de inteligibilidade para pensar o presente.

Pode-se dizer que o tema da *parrhesia* – o franco-falar, o dizer-verdadeiro – configura uma dessas “matrizes históricas de experiência”. Última configuração, certamente, alvo de análises exaustivas e minuciosas dos seus três últimos cursos (1982, 1983, 1984), respectivamente intitulados: *A hermenêutica do sujeito*, *O governo de si e dos outros*

e *A coragem da verdade* (o primeiro já traduzido para o português e os outros dois publicados no original francês).

O tema é, portanto, introduzido no curso de 1982, *A hermenêutica do sujeito* (FOUCAULT, 2004). Na aula de 10/03, recebe sua explanação mais demorada, que, esquematicamente, organiza-se em dois momentos: primeiro, a “análise negativa” ou “indireta” da *parrhesia*, pelo confronto com seus opositores – a lisonja e a retórica; depois, a análise direta e positiva. É esse segundo momento que propomos reorganizar em uma breve descrição seguida de algumas reflexões.

Quadro geral

A descrição positiva da *parrhesia* apoia-se em textos de três autores, abordados na seguinte ordem: Filodemo de Gadara, epicurista grego do século I a.C., é autor de escritos sobre a cólera, a lisonja, a vaidade e do texto de referência usado por Foucault, *Tratado do franco-falar* (*Peri Parrhêsias*); Galeno, médico do final do século II d.C., cujo texto de referência é o *Tratado das paixões*; Sêneca, filósofo e político de meados do século I d.C., cujos textos de referência são as *Cartas a Lucílio*, particularmente a de número 75. O primeiro realça mais a “imagem institucional” da *parrhesia*; o segundo, “a relação individual de direção”; o terceiro é “o mais profundo e mais analítico” (FOUCAULT, 2004, p. 467). Das análises sequenciais que Foucault realiza a partir dos textos desses autores, destacamos os traços principais e, salvaguardadas, bem entendido, algumas variáveis, buscamos agrupar esses traços de modo a compor um apanhado geral das descrições positivas da *parrhesia*. O quadro então resultante contempla quatro aspectos.

Uma arte de conjectura

Entre *artes metódicas* e *artes conjecturais*, a *parrhesia* pertence à segunda categoria. As artes metódicas visam a atingir verdades certas e seguem uma ordem de argumentação “necessária e única”

(FOUCAULT, 2004, p. 468). As artes conjecturais (ou estocásticas) abrem-se a verdades verossímeis e seus argumentos se desenvolvem no plano do plausível. Uma nota acrescentada (GROS, 2004b) ao final da aula de 10/03/82 esclarece que, na tradição dessa antiga oposição entre o que podemos também chamar de “saber certo” e “conhecimento aleatório”, Platão, por exemplo, rejeita a segunda, ao passo que Aristóteles a integra como “inteligência prática”, no âmbito da prudência (*phrónesis*). A nota lembra também que, entre as artes conjecturais, destacam-se, principalmente, a da medicina e a da navegação. Como sabemos, medicina e navegação são as mais frequentes metáforas de que os diferentes autores estudados por Foucault fazem uso para ilustrar, precisamente, quer o cuidado de si, quer o franco-falar (GROS, 2004b apud FOUCAULT, 2004, nota 37, p. 477). “Conduzir um navio, cuidar de um doente, governar os homens, governar a si mesmo – escreve Foucault – pertencem à mesma tipologia de atividade que é ao mesmo tempo racional e incerta” (FOUCAULT, 2004, p. 489).

Porque arte da conjectura, a *parrhesia* é palavra atenta ao *kairós*, livre de regras fixas, adaptada à ocasião, ao momento e às disposições de quem a escuta.

Qualidades da relação parresiástica

Como ninguém é bom juiz de si mesmo, cada qual deve escolher alguém, um outro, que lhe fale francamente. Mestre, guia, diretor, é ele quem fala. Em Filodemo, o trânsito de quem fala a quem escuta estabelece vínculos de caráter prioritariamente comunitário. A fala franca do guia torna-se modelo da relação que os discípulos devem ter uns com os outros, de modo que eles também falem francamente entre si, com benevolência e amizade: “é nesta dupla relação (vertical e horizontal) que a *parrhesia* irá circular” (FOUCAULT, 2004, p. 471). Em Galeno, a relação é de menor proximidade, valorizando mais as condições de neutralidade que se espera do diretor. Em Sêneca, nem

o grupo nem o distanciamento, o mais importante é o caráter individual e estreito da relação “de homem a homem” (FOUCAULT, 2004, p. 485), “face a face” (FOUCAULT, 2004, p. 488), privilegiando as cartas pessoais e o “contato vivo e físico” das conversas particulares (FOUCAULT, 2004, p. 487-488).

Qualidades do discurso parresiástico

O discurso parresiástico diz sempre a verdade em qualquer circunstância. Filodemo o quer “sem rigidez” (FOUCAULT, 2004, p. 468). Galeno não o quer com “indulgência, nem severidade” (FOUCAULT, 2004, p. 484). Para Sêneca, ele deve ser simples (“*simplex*”), isto é, transparente como a água e sem requintes porque não se mascara com “ornamento” nem com “dramaticidade” (FOUCAULT, 2004, p. 485); mas também composto (“*composita*”), isto é, bem ordenado, podendo, então, legitimamente incluir, quando útil, não por essência mas por excesso, a retórica de “uma bela linguagem” (FOUCAULT, 2004, p. 488). De todo modo, o discurso parresiástico deve ter eficácia: espera-se sempre que ele produza efeitos de transformação naquele a quem se endereça.

Qualidades do parresiasta

Como todo homem faz ilusões sobre si mesmo, para mais ou para menos, deve-se escolher como diretor alguém que é franco, que não é lisonjeador, que seja, de preferência, mais idoso e cuja vida ofereça provas de que é um homem de bem. Ele é sábio e médico de almas, mas, acima de tudo, é comprometido com o que diz. Assim escreve Sêneca: “dizer o que se pensa, pensar o que se diz, fazer com que a linguagem esteja de acordo com a conduta” (SÊNECA, Carta 75, apud FOUCAULT, 2004, p. 487). É a adequação, é o “pacto”, diz Foucault repetidas vezes, entre “o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta” (FOUCAULT, 2004, p. 491-492).

Para concluir

Os traços da *parrhesia*, em particular do parresiasta, sugerem reflexões:

A primeira reflexão evoca a figura de Sócrates

Recorramos a passagens de alguns estudiosos. Em um artigo de Gros, no livro *Foucault, a coragem da verdade*, lemos a propósito de Sócrates: “um exemplo de coragem da verdade. Figura maior, inclusive até a morte”; e a seguir: “aquele que articula a exigência da *parrhesia* com os temas do cuidado de si e da técnica da existência” (GROS, 2004b, p. 160-161). Em outra passagem, na “Introdução” do mesmo livro, lê-se que a figura do próprio Foucault encontra “em Sócrates um irmão longínquo” (GROS, 2004a, p. 12). Um artigo de Francesco Paolo Adorno sobre “a tarefa do intelectual” afirma que a presença de Sócrates nos textos de Foucault dos anos 80 representa “o modelo por excelência do filósofo de um ponto de vista tanto ético quanto político” (PAOLO ADORNO, 2004 apud GROS, 2004a, p. 57). Diz ainda: “ele é o parresiasta por excelência” (PAOLO ADORNO, 2004 apud GROS, 2004a, p. 59). E a partir dessa “exemplaridade da figura de Sócrates” o artigo conclui propondo uma pergunta: “é legítimo pensar que Foucault teria desejado que seu trabalho de intelectual – e até mesmo o trabalho de todos os intelectuais – fosse julgado a partir da harmonia existente entre suas palavras e seus atos?” (PAOLO ADORNO, 2004 apud GROS, 2004a, p. 61-62). Essa pergunta nos conduz a uma segunda reflexão.

Indagamos pela eficácia da *parrhesia*

Sócrates foi condenado à morte e, antes de morrer, viu o malogro da promessa que Alcibíades lhe fizera. Platão foi exilado e também viu fracassar a promessa de escutá-lo, feita por Denis de Siracusa. Dion foi assassinado. Péricles, que aconselhara os atenienses sobre a guerra contra Esparta, viu romper-se, no infortúnio da derrota, o pacto de solidariedade dos seus

concidadãos. Sêneca, a mando de Nero, suicidou-se. Curiosamente, encontramos inquietação semelhante formulada pelo próprio Sêneca: quando vemos, pergunta ele, “os melhores padecerem coisas tão más” ou, ainda, “quando são maus os destinos dos bons, quando Sócrates é obrigado a morrer no cárcere”, que nos resta esperar? (SÊNeca, 2001, p. 67).

Reformulemos a inquietação de Sêneca no contexto da nossa reflexão: como sustentar a exemplaridade parresiástica de Sócrates, capaz de fazer dele “irmão longínquo” não somente de Foucault, mas até mesmo “de todos os intelectuais”? Pergunta talvez sem resposta se nos ativermos estritamente à “conjuntura histórica particular”, como diz Foucault (FOUCAULT, 2008, p. 363), em que, sem dúvida, temas e personagens estão necessariamente circunscritos. A pergunta, porém, encontra uma resposta se os olharmos como que a distância, em uma perspectiva histórica de longo alcance.

Então, certos personagens podem ser reconhecidos como modelos históricos e certos temas são dignos de serem tomados como “matrizes de experiência”. Com efeito, a relevância – de personagens e temas – tem a ver com a posteridade ou, como várias vezes Foucault indica, tem a ver com o próprio destino do pensamento ocidental (Cf. FOUCAULT, 2008, p. 259, 269-270, 318, 321-322, 325-337, 343). Em sentido semelhante, Hadot fala-nos da “figura ideal” de Sócrates: desenhada por Platão, em seu tempo, ou depois revista por Kierkegaard e por Nietzsche, ou ainda cantada por Goethe e por Hördelin, “desempenhou um papel fundador na nossa tradição ocidental e até mesmo no nascimento do pensamento contemporâneo” (HADOT, 2007, p. 7-8). A consideração sobre rumos históricos de temas e personagens da filosofia e o seu alcance para a posteridade nos conduz a uma última consideração.

Podemos compreender que a investigação de Foucault sobre o *dizer-verdadeiro* sugere um modo novo de conceber não somente a filosofia, como também a história da filosofia. A sugestão está mencionada em algumas passagens. Escolhemos reproduzir uma delas para condensar essa observação e concluir nossas reflexões:

creio que se pode também fazer a história da filosofia [...] como uma série de episódios e de formas de veridicção – formas recorrentes,

formas que se transformam. Em suma, a história da filosofia como movimento da *parrhesia*, como redistribuição da *parrhesia*, como jogo diverso do dizer-verdadeiro (FOUCAULT, 2008, p. 322).

Referências

FOUCAULT, M. (FLORENCE, M.). "Foucault". In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. Tradução de C. Berliner, E. Brandão, I. Castilho Benedetti, M. E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 388-391.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Curso no Collège de France (1981-1982). Tradução de M. A. Fonseca e S. T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **Le gouvernement de soi et des autres**. Cours au Collège de France (1982-1983). Paris: Gallimard; Seuil, 2008. (Coll. Hautes Études). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros.

FOUCAULT, M. **Le courage de la vérité**. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1983- 1984). Paris: Gallimard; Seuil, 2009. (Coll. Hautes Études). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros.

GROS, F. Introdução: a coragem da verdade. In: GROS, F. (Org.). **Foucault, a coragem da verdade**. Tradução de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004a. p. 7-10.

GROS, F. A parrhesia em Foucault (1982-1984). In: GROS, F. (Org.). **Foucault, a coragem da verdade**. Tradução de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004b. p. 155-166.

HADOT, P. **Éloge de Socrate**. Paris: Allia, 2007.

SÊNECA. **Sobre a tranqüilidade da alma**. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. Edição bilíngue.

Recebido: 05/10/2010

Received: 10/05/2010

Aprovado: 10/02/2011

Approved: 02/10/2011